

## Reflexões filosóficas em Bakhtin e Clarice Lispector: um diálogo possível

José Cezinaldo Rocha Bessa<sup>1</sup>

### Resumo

Objetivo, com este trabalho, apresentar indícios de um diálogo entre reflexões filosóficas expressas em escritos do Círculo de Bakhtin e na escrita literária de Clarice Lispector. Com base na perspectiva teórico-metodológica da análise dialógica do discurso, tento observar algumas ressonâncias dialógicas do pensamento filosófico de Bakhtin em enunciados de *A hora da estrela*. O percurso analítico e reflexivo realizado mostra que algumas das preocupações filosóficas presentes no pensamento bakhtiniano se fazem sentir também na escrita literária de Clarice Lispector. Ainda que as reflexões desses autores se inscrevam em projetos de dizer distintos, as posições bakhtinianas sobre o existir, o homem, a vida, a linguagem encontram eco no texto literário clariceano, indicando, portanto, um rico e intenso diálogo entre os dois autores.

Palavras-chave: Relações dialógicas. Dimensão filosófica. Bakhtin. Clarice Lispector. *A hora da estrela*.

### 1 Introdução

*Clarice,  
veio de um mistério, partiu para outro.*

*Ficamos sem saber a essência do mistério.  
Ou o mistério não era essencial,  
era Clarice viajando nele.*

*Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,  
onde a palavra parece encontrar  
sua razão de ser, e retratar o homem.*

[...]

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Visão de Clarice Lispector*, grifo nosso)

Meu objetivo, no presente texto, é apresentar indícios<sup>2</sup> de um diálogo entre reflexões filosóficas expressas em escritos do Círculo de Bakhtin e na escrita literária de Clarice Lispector.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara, com período de estágio de doutorado no exterior na Université de Paris VIII (bolsa PDSE/CAPE), supervisionado pela Prof<sup>a</sup> Marília Amorim. Atualmente é Professor Assistente IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campus de Pau dos Ferros. E-mail: cezinaldobessauern@gmail.com.

<sup>2</sup> A ideia de indícios faz pensar no paradigma indiciário como procedimento metodológico do trabalho de pesquisa. Como aponta Geraldi (2012), este é um dos caminhos metodológicos possíveis para estudiosos inscritos na perspectiva dos estudos bakhtinianos. Este trabalho se desenvolve, portanto, em sintonia com os pressupostos que sustentam o paradigma indiciário, como discutidos por Geraldi (2012).

Parto de afirmações como:

[...] quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado. (BAKHTIN (2003, p. 310).

[..] ser é comunicar-se dialogicamente – e não um meio autônomo que organiza sentidos próprios [...] (BUBNOVA, 2011, p. 270).

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo, **onde a palavra parece encontrar sua razão de ser, e retratar o homem.** (ANDRADE, [1977]).

Nestas afirmações, penso encontrar elementos que aproximam a reflexão filosófica bakhtiniana daquelas reflexões que se fazem presentes na escrita literária de Clarice. Nesse sentido, no presente texto, objetivo realizar uma leitura de textos desses autores, com vistas a observar posicionamentos axiológicos que aproximam o modo bakhtiniano do modo clariceano de pensar e conceber questões filosóficas relacionadas à vida e à linguagem.

No intento de encontrar pontos de intersecção entre algumas das ideias filosóficas de Bakhtin e Clarice Lispector, elejo, da obra da escritora, o romance *A hora da Estrela*, e especificamente o discurso do narrador Rodrigo S. M. Escolho o discurso do narrador por duas razões principais, inteiramente relacionadas: pelo fato de Rodrigo S. M. ser um dos “mais importantes” (LISPECTOR, 1998, p. 13) personagens da narrativa, e porque é nas palavras dele que se expressa, de forma mais incisiva, uma tonalidade filosófica na supracitada obra da escritora.

Inscrito na perspectiva teórico-metodológica da abordagem dialógica do discurso, como se convencionou denominar os estudos bakhtinianos aqui no Brasil, este empreendimento, de natureza reflexivo-interpretativa, se apresenta como um exercício para enfatizar-se a potencialidade da noção de dialogismo do Círculo de Bakhtin para compreender o diálogo que se estabelece entre textos/enunciados de diferentes esferas da atividade humana (nesse caso, literária e filosófico-científica), bem como os sentidos que se atualizam nos discursos dessas esferas.

Trata-se de um empreendimento que, em última instância, representa, seguindo o que destaca Ponzio (2008, p. 202), uma forma de atestar “a consistência teórica da reflexão bakhtiniana” e de evidenciar também, seguindo Petrilli (2010, p. 36, grifo do autor), que o pensamento de Bakhtin vai além das fronteiras da teoria da literatura, podendo ser caracterizado por sua atitude filosófica:

Embora seu campo principal de pesquisa seja a teoria da literatura e a crítica literária, ele age de modo tal que vai além dos limites tanto das disciplinas literárias como da arte em geral. Nesse sentido, e seguindo Bakhtin, podemos considerar essa

uma atitude ‘filosófica’, dado que atravessa os campos disciplinares e os restritos limites das especialidades.

A atitude filosófica bakhtiniana de que fala Petrilli (2010) não poderia deixar de expressar-se também na produção literária. Ainda que se possa aventar que Clarice Lispector não tenha, em vida, jamais se encontrado com Bakhtin ou lido nada do Círculo de Bakhtin,<sup>3</sup> sobretudo de Bakhtin, mesmo eles sendo contemporâneos, essa atitude filosófica tem ressonâncias dialógicas na escrita literária de Clarice, na qual parece encontrar um lugar privilegiado para se manifestar.

Nesse sentido, a tentativa de estabelecer um diálogo entre escritos de Bakhtin e de Clarice Lispector se apresenta como um empreendimento frutífero e um debate instigante para um estudioso da linguagem interessado no estudo das diversas formas de manifestação das relações dialógicas que constituem as diversas práticas comunicativas. Neste trabalho, tomamos como baliza a perspectiva bakhtiniana, segundo a qual as relações dialógicas são possíveis até mesmo entre enunciados que se desconhecem, logo, elas são possíveis também no território do pensamento comum: “dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e tocam levemente o mesmo tema (ideia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum”. (BAKHTIN, 2013, p. 320).

Das possibilidades de traçar um caminho para flagrar as ressonâncias dialógicas de Bakhtin em Clarice, opto por orientar-me pela noção de heterogeneidade mostrada<sup>4</sup> como formulada por Authier-Revuz (1998), e mais especificamente pela noção de formas marcadas, unívocas de presença da palavra outra na constituição do dizer. Seguindo essa orientação, centro-me naquilo que, no texto da escritora, pode ser concebido como uma forma textualmente explícita de materialização de diálogo com o dizer do outro, o discurso bakhtiniano. Não se trata de fazer análise dos modos de citar que são agrupados sob a categoria de formas marcadas, unívocas, conforme propõe Authier-Revuz (1998). Nessa linha, não se trata também de explicitar que fragmento X ou Y do texto de Clarice é referência direta ou indireta ao pensamento bakhtiniano. Na verdade, aproveito-me dessa categoria para

---

<sup>3</sup> Que tenha havido ou não interlocução, de qualquer natureza que seja, entre Clarice e Bakhtin, o que desconheço, opto por não discutir essa questão aqui, sobretudo, porque isso pouco importa para os propósitos do trabalho. Importa considerar, portanto, a possibilidade de um diálogo entre eles que ultrapassa as fronteiras do contato material e/ou físico.

<sup>4</sup> É pertinente destacar que a noção de heterogeneidade mostrada formulada por Authier-Revuz (1998) encontra fundamento nas teorizações bakhtinianas sobre o fenômeno do dialogismo constitutivo da linguagem, em especial sobre as formas de discurso citado, discutidas por Bakhtin/Volochínov, na terceira parte do livro *Marxismo e Filosofia da linguagem*.

tentar delimitar e explorar o enfoque dialógico ao que é textualmente mostrado, já que, como se sabe, de uma perspectiva da análise dialógica do discurso, a análise poderia contemplar também elementos que não estão textualmente mostrados, marcados. Sendo assim, na análise que realizo, limito-me a identificar fragmentos do texto de *A hora da estrela* que podem ser caracterizados como indícios de um diálogo, textualmente mostrado, de Clarice com Bakhtin.

É, portanto, amparado por essa orientação e pela ideia do “pensamento comum”, na convergência de sentidos que gera relações dialógicas entre enunciados, que guio a leitura expressa neste trabalho.

## **2 Situando um pouco a escrita literária de Clarice Lispector**

Não é minha pretensão aqui me juntar ao coro de vozes de especialistas que, explorando aspectos os mais diversos, tem se dedicado ao estudo da obra de Clarice Lispector, porque não sou propriamente um pesquisador do campo da literatura ou especificamente da escrita dessa autora. Por isso, permito-me a retomar algumas características da escritora e de sua obra, sem preocupação de um enfoque mais exaustivo, detendo-me naquilo que é, a meu ver, fulcral para entender alguns elementos filosóficos que perpassam os escritos dessa escritora na obra em análise.

Muito já se falou sobre a vida e a obra de Clarice Lispector aqui no Brasil e lá fora. E muito ainda continua sendo dito, não só sobre seus escritos literários, mas também sobre seus escritos jornalísticos. Prefácios de obras, biografias e inúmeras teses e dissertações, artigos e ensaios acadêmicos atestam o valor de Clarice para a literatura brasileira contemporânea, registrando não só a riqueza e a beleza de sua escrita, como também o caráter, ao mesmo tempo, profundo, subjetivo, existencial e universal presente em muitos de seus textos.

Pelo estilo introspectivo que adotava Clarice, já se comparou-a a escritores como Virginia Woolf, James Joyce e Franz Kafka. Já se disse que ela é uma das escritoras mais lidas e comentadas de todo o mundo. Já em 1977, a *Folha de S. Paulo*, em texto de Cristina Miguez, ao noticiar a morte da escritora, explicitava a repercussão de sua obra no exterior, mencionando que seus livros foram traduzidos e publicados em países como Estados Unidos, Alemanha, antiga Tchecoslováquia, Polônia, Itália, França e em alguns países da América Latina.

Se, por acaso, há aqueles que contestem que Clarice é uma das autoras mais lidas e comentadas ao longo dos anos, não se pode contestar, segundo alguns críticos e leitores, que a escritora é um dos nomes importantes da literatura brasileira até hoje. Em matéria do jornal *O*

*fluminense*, de 11 de fevereiro de 2014, o jornalista Roberto Santos confirma esse lugar importante da obra da autora na atualidade: “Mais de um quarto de século após sua morte, Clarice inspira peças na TV e no teatro, é lida intensamente no exterior, seus livros continuam muito procurados.”.

Independente de qualquer questionamento sobre as comparações e o alcance da obra da escritora, certo é também que não se pode contestar que Clarice foi, sobretudo pela perspectiva introspectiva, tendência intimista e inovações linguísticas que caracterizam seu estilo, uma escritora que inaugurou uma forma de narrar na literatura brasileira. Nessa direção é que aponta Bosí (1979), quando fala de uma experiência estética que, em Clarice, se apresenta como busca de renovação “por dentro” do ato de escrever ficção.

Ao lado de João Cabral de Melo Neto, na poesia, e Guimarães Rosa, na prosa, Clarice Lispector faz parte do grupo de escritores de maior destaque do que se convencionou denominar de terceira geração do modernismo brasileiro. O engajamento e crítica social, que são assinalados como características de autores dessa geração, constituem questões que geram controvérsias em torno da crítica sobre a obra de Clarice. Isso porque muitos críticos e estudiosos da literatura tiveram, ao longo dos anos, de considerar sua obra alheia aos problemas e questões sociais e políticas de seu tempo.

Embora sua produção, especialmente aquela sob a forma de romances e contos, se notabilize, sobretudo, pelo emprego de uma perspectiva introspectiva e do abandono da linearidade da narrativa para trabalhar o fluxo da consciência, no que pode ser considerado como uma “literatura psicológica”, há pesquisadores, como Rodrigues (2014) e Melo (2009), que entendem que há, sim, temática e tom de crítica social na obra da autora:

Mais conhecida como autora de uma ficção “introspectiva”, só mais recentemente Clarice Lispector vem despertando **o interesse dos estudiosos para os aspectos sociais e ideológicos que enformam sua obra**, em particular algumas narrativas. De um modo geral a crítica tem negligenciado esse aspecto da ficção de Clarice, dando mais ênfase às questões ditas existenciais e de natureza filosófica e metafísica que ela aborda e instiga a pensar. (RODRIGUES, 2014, [s. p.], grifo nosso).

[...] **penso que há uma crítica social bastante refinada na prosa clariceana. Não a crítica social da denúncia de nossa miséria, desigualdade e aberrações.** Sua mirada é outra, pois explora nossa crise social Tateando os desvãos de nossa consciência fraturada de classe média.

Em “Amor”, por exemplo, encontra-se condensada toda uma crítica social clariceana: a de questionar o mito romântico da mulher-família. Explico. Resumindo o conto de modo superficial, pode-se dizer que o texto trata de um dia na vida de Ana, essa dona de casa exemplar, mãe amorosa, esposa fiel. Ana vive com muita dedicação o seu papel de dona de casa, mãe e esposa. Um dia ela vê uma cena, a de um cego mascarando chiclete, que a faz perceber, por um instante, que “a vida sadia que levava” até então “parecia-lhe um modo moralmente louco de viver”. A heroína

entra em crise, e analogamente, o seu mundo inteiro balança. (MELO, 2009, [s. p.], grifo nosso).

Não apenas nele, mas especialmente no romance *A hora da estrela*, esse tom de crítica social é bem incisivo,<sup>5</sup> como destaca Fukelman (1991, [s. p.], grifo nosso), em prefácio a uma das edições dessa obra:

Em *A hora da estrela* [...], o escritor solta as amarras e vai até o fundo do poço: **as origens do ser e as contradições da sociedade em que vive**. Para tal, tomando por base a linguagem, ele se dispõe a três tipos de abordagem: filosófica, social e estética. Pela perspectiva filosófica, os limites e alcances do conhecimento do mundo mediante a palavra e a consciência, através das quais o ser humano se distingue dos outros seres; pela perspectiva social, investiga os impasses criados pela separação dos indivíduos em diferentes grupos, dando destaque à inserção do escritor e do nordestino na sociedade brasileira; pela perspectiva estética, sonda o gesto criador e o trabalho na busca da expressão que inaugure uma apreensão original do real. Os três aspectos, é claro, apresentam-se de forma imbricada no livro.

Nas palavras da autora, ao lado da abordagem social,<sup>6</sup> no sentido de engajamento e preocupação com questões sociais, comparecem outras duas marcas que perpassam o fazer literário de Clarice Lispector: a abordagem filosófica e a abordagem estética.

No que concerne à abordagem filosófica da autora, que mais me interessa aqui, Fukelman (1991) aponta termos como “palavra”, “consciência”, “ser humano”, “conhecimento de mundo”, que denotam a preocupação filosófica de Clarice com a questão da existência humana. O ato de refletir sobre a existência dá o tom filosófico da escrita da autora em *A hora da estrela*, tom esse expresso, sobretudo, na voz do narrador fictício, Rodrigo S. M., como demonstro na análise que segue.

Uma tradução do que venho falando sobre a obra de Clarice, e não apenas sobre *A hora da estrela*, pode ser encontrada nas palavras de Kadota (2007, p. 18), intencionalmente selecionadas para fechar esse tópico:

Entre um cigarro e outro, entre um cafezinho e outro, as páginas de seus textos iam registrando suas reflexões sobre a palavra e a condição humana, e as relações entre

<sup>5</sup> Como destaca Pires (2011), *A hora da estrela* (AHE, como designa a autora) é a obra mais explicitamente social de Clarice Lispector. Ela ratifica sua posição afirmando que: “ao contrário das obras anteriores, acusadas pelos críticos da época de se ‘alhearem’ da realidade, dedicadas quase que exclusivamente, segundo eles, a abordagens de caráter psicológico, em que o contexto político e social era deixado de lado, em AHE, a temática social passa a ser explicitamente abordada, provocando, assim, uma espécie de ‘ruptura’ na trajetória literária clariceana, infelizmente interrompida no mesmo ano de publicação da obra, com a morte da autora.” (PIRES, 2011, p. 11, grifo do autor).

<sup>6</sup> Como a abordagem filosófica bakhtiniana sobre o existir e a linguagem tem fundamento social, é importante deixar claro aqui que, quando se pensa uma abordagem social e uma abordagem filosófica em Clarice Lispector, se objetiva ressaltar que a abordagem social diz respeito ao aspecto do engajamento social da autora. Isso não significa dizer que, em Clarice, a abordagem filosófica negue a dimensão social que caracteriza o existir e a linguagem.

uma e outra, em especial no universo do escritor, este ser para quem a palavra é não só um elemento de subsistência, às vezes, mas a razão de existir e de expor com liberdade a extensão de seu olhar sobre o mundo.

### 3 Um diálogo de Bakhtin com Clarice: a hora e a vez de outras estrelas

Se a “estrela” de *A hora da estrela* é a personagem Macabéa, a “estrela” da vez aqui é Rodrigo S. M. Pode ser também Bakhtin e Clarice Lispector e mesmo o diálogo entre eles. E isso tem uma razão de ser. É que o foco deste trabalho não é realizar uma análise literária ou mesmo de aspectos filosóficos da obra *A hora da estrela*. A proposta é captar, sem pretensão exaustiva, algumas ressonâncias dialógicas do pensamento filosófico de Bakhtin sobre questões como a vida, o homem e linguagem em enunciados de *A hora da estrela*, mais precisamente em enunciados expressos, no decorrer da narrativa, pelo narrador fictício Rodrigo S. M.

*A hora da estrela* é, como se sabe, o penúltimo romance e o último publicado em vida pela autora, em 1977. É uma narrativa que tem alguma inspiração na vida da própria autora, como ela mesma atesta em entrevista ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura:

Eu morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia. Depois eu fui a uma cartomante e ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas. Então a partir daí foi nascendo também a trama da história. (LISPECTOR, 1977, [s. p.]).

Isso parece traduzir o preceito bakhtiniano da unidade da responsabilidade entre arte e vida na criação artística, como posto nessa passagem do texto *Arte e responsabilidade*:

A inspiração que ignora a vida a vida é ela mesma ignorada pela vida não é inspiração. O sentido correto e não o falso de todas as questões antigas, relativas à inter-relação de arte e vida, à arte pura, etc. é o seu verdadeiro patos apenas no sentido de que arte e vida desejam facilitar mutuamente a sua tarefa, eximir-se da sua responsabilidade, pois é mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte.

Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade (BAKHTIN, 2003, p. XXXIV).

Não ignorando a inter-relação arte e vida, Clarice encontra um preceito para conceber o relato da vida de Macabéa, personagem principal do romance *A hora da estrela*. “Pegando” esse ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro, o romance apresenta “as fracas aventuras” de “uma moça nordestina” que, após a morte dos familiares (primeiramente os

pais, e, depois, uma tia beata), sai do sertão de Alagoas e vai morar no “inacreditável Rio de Janeiro”, uma “cidade toda feita contra ela”, onde “vai vivendo à toa”. Na cidade grande, Macabéa – um ser inocente, anônimo, “incompetente para a vida” – passa, sem saber por que e para que, por uma sucessão de desventuras. Analfabeta, consegue um emprego de datilógrafa; namora um empregado de uma metalúrgica, Olímpico de Jesus, que logo a trai com a melhor amiga da moça; contrai tuberculose; e, no fim, consulta uma cartomante que prevê um futuro feliz, que é, na verdade, sua hora de estrela, a hora de sua morte.

A trama da narrativa é contada por Rodrigo S. M., um narrador personagem criado por Clarice Lispector. Além de relatar a história da moça, o narrador se volta para uma reflexão do próprio ato criador, como anota Sousa (2014). Em uma espécie de discurso metalinguístico, o narrador discute o processo de feitura de sua própria narrativa, conforme atesta o fragmento a seguir:

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser mordenoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo. (LISPECTOR, 1998, p. 12, grifo do autor).

É, porém, a dimensão filosófica que perpassa a narrativa de Rodrigo S. M. a particularidade de *A hora da estrela* que mais me instiga neste trabalho. Uma boa descrição desse aspecto, e que abre alguns caminhos para a análise que desenvolvo aqui, é expressa nas palavras de Fukelman (1991, [s. p.]):

O narrador, perpassado por toda sorte de indagações sobre o ser e o existir, atormentado pela incompletude e pela dualidade da natureza humana para as quais as respostas são precárias, converte a busca em sua única certeza. Daí decorrem pelo menos dois movimentos centrais da narrativa.

Primeiro, como toda busca e toda pergunta são busca (sic) de algo e pergunta para alguém, o narrador, para saber, tem de desdobrar-se, tem de dialogar. Aquilo que, em uma situação comunicativa banal, passa despercebido projeta-se para o narrador como condição essencial do ser: apreender a si mesmo inclui o confronto com o outro.

Ao mesmo tempo, essa projeção traz implícito o retorno para si mesmo, quando se tenta unificar em um único sujeito individual os elementos que estão presentes nos outros seres do Universo. Entre estes dois movimentos há uma tensão permanente no interior da obra. O narrador mantém com seu interlocutor (seja ele Deus, o leitor ou Macabéa) uma postura ambivalente de identificação e afastamento.

Nessas palavras de Fukelman (1991), já se pode entrever uma ressonância do pensamento filosófico de Bakhtin no discurso de Rodrigo S. M, que diz respeito à relação de alteridade como constitutiva do ser, do homem. O trabalho de Rodrigo de S. M. compreende,

no dizer da autora, um movimento de busca de respostas sobre o existir e o ser, movimento que implica sempre um encontro com outro, mas também consigo mesmo. Isso faz pensar no excedente de visão estética que permeia as reflexões filosóficas de Bakhtin (2003).

Como aponta o autor russo, tanto na arte como na vida, o indivíduo precisa se deslocar do seu próprio lugar e se colocar no lugar do outro e, depois, retornar ao seu lugar, para, a partir do excedente de visão que o lugar do outro lhe permite, criar “um ambiente concludente” para ele. Como o autor afirma: “Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente e revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro.” (BAKHTIN, 2003, p. 341). A tensão que resulta desse movimento é, como anota Fukelman (1991), uma postura ambivalente de identificação e de afastamento, notadamente em relação a Macabéa, alguém com quem o narrador ora se identifica, pela origem nordestina, ora de quem ele se afasta, pela diferença social, dada sua condição de escritor e de alguém que tem um pouco mais de dinheiro e bens culturais do que a pobre Macabéa:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. **Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo.** Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos. (LISPECTOR, 1998, p. 12, grifo nosso).

E eis que fiquei receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como **aprendi inglês e francês de ouvido.** Antecedentes meus do escrever? **Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome,** o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a **classe baixa nunca vem a mim.** (LISPECTOR, 1998, p. 18, grifo nosso).

O dizer de Fukelman (1991) sobre a condição de Rodrigo S. M., no seu processo de refletir sobre o ser e o existir aponta também para, pelo menos, dois outros elementos centrais da reflexão filosófica bakhtiniana. Trata-se de dois elementos diretamente relacionados: a ideia de diálogo e de sujeito responsivo. O dizer de Rodrigo S. M. aponta para uma compreensão de um sujeito que se constitui no diálogo com o outro, como já sugerido mais acima e explicitado neste fragmento: “Esse eu que é vós pois não aguento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé [...]” (LISPECTOR, 1998, dedicatória do autor).

Não se trata de um sujeito passivo, mas de um sujeito que se dispõe ao diálogo, já que, enquanto sujeito inacabado, vai ao encontro de outras vozes, como condição de linguagem, conforme preconiza Bakhtin (2003). Isso conduz ainda à ideia de responsividade

como constitutiva de toda compreensão. No enunciado que segue, a ideia de responsividade é posta pelo autor/narrador como condição de acabamento da obra pelo leitor:

Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. **Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê. Vós?** É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos. (LISPECTOR, 1998, página de dedicatória do autor, grifo nosso).

O acabamento, nesse caso, surge da necessidade da resposta ativa do leitor, com a qual conta o narrador. Disso decorre cogitar que o narrador tem a convicção de que, quando se trata de produção de discursos, os sentidos são múltiplos, posto que, para cada leitor, enunciado e sentido são também únicos, conforme compreende o pensamento de Bakhtin (2003, p. 310), para quem “cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado).”

Não apenas a um sujeito responsivo alude o pensamento bakhtiniano. Em sua filosofia do ato, esse pensamento preconiza um sujeito que é também responsável, sem alibi na existência. É como postula Bubnova (2011), a propósito do homem/sujeito nas reflexões bakhtinianas, “minha posição no espaço e no tempo é única e irrepitível, por isso eu sou a única pessoa capaz de realizar os atos concretos que me correspondem a partir do meu único lugar no mundo, atos que ninguém pode executar em meu lugar.” Essa ideia expressa pela autora, a propósito do pensamento bakhtiniano, pode ser lida na seguinte passagem de *A hora da estrela*:

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. **Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.** Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. (LISPECTOR, 1998, p. 11, grifo nosso).

Nessa passagem, ao expressar que “Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo”, para se referir ao ato de escrever, Rodrigo S. M. reflete a ideia bakhtiniana de que a vida é repleta de atos. Porque, da infinita variedade dos atos humanos (ato ação física, ato pensamento, ato sentimento, ato estético ou artístico, ato cognitivo, e de ato enunciado em si) presentes na filosofia bakhtiniana do ato e apontados por Bubnova (2011), o *pensar*, no discurso do narrador, se constitui um dos atos desse sujeito da

escrita. De uma perspectiva bakhtiniana, o pensar é concebido também como um ato, ato responsável e responsivo do sujeito.

A ideia de uma filosofia do ato, mais precisamente a ideia de que o sujeito não tem alibi na existência, me parece encontrar ressonância ainda no discurso de Rodrigo S. M. quando ele assume que é obrigação sua contar a vida de Macabéa, mesmo que isso se faça com pouca arte:

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais do que invenção, **é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.** (LISPECTOR, 1998, p. 13, grifo nosso).

Para o narrador, escrever é também um ato, responsável e responsivo, ainda que ele oscile em sustentar, em diferentes momentos da narrativa, essa posição. Se no começo da narrativa, como já mostrado, ele assume textualmente o dever de relatar a vida de Macabéa, esse sentimento de obrigação parece desaparecer na parte final do romance: “(Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas. **Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo.**” (LISPECTOR, 2008, p. 72, grifo nosso).

Focalizando ainda a natureza da linguagem, há mais dois momentos em que se pode flagrar, de forma textualmente explícita, uma convergência de sentidos entre ideias de Bakhtin e Clarice Lispector. Um desses momentos é quando o narrador Rodrigo S. M, voltando-se mais uma vez para a reflexão sobre o *ato da escrita*, compara tal ato ao “trabalho de carpintaria”:

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Se Bakhtin (2010) fala do enunciado como a unidade básica da comunicação humana, o narrador fala aqui, por sua vez, da palavra como o material básico de que se compõe sua narrativa. Nesse ponto, ele dialoga com o pressuposto bakhtiniano, quando este preconiza que o sentido de um enunciado se produz não pelo simples agrupamento de palavras e frases, posto que não se encontra propriamente na materialidade linguística. Pode-se pensar aí naquela distinção entre significação e sentido proposta por Bakhtin/Volochínov (2010). O *sentido secreto* de que fala o narrador resulta, justamente, da compreensão responsiva de cada

interlocutor que desempenha papel ativo na atividade enunciativa, nos termos concebidos por Bakhtin (2003). Esse *sentido secreto* não é, portanto, aquilo que é da ordem do repetível, do reiterável, que caracteriza o nível estritamente linguístico, porque é, antes de tudo, produto da interação de sujeitos inscritos socialmente.

O outro momento é aquele em que o narrador propõe uma aproximação entre silêncio e palavra:

Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta. (LISPECTOR, 1998, p. 16-17)

No fragmento, o narrador sugere a ideia do silêncio como uma forma privilegiada de expressão dos fatos da vida de Macabéa, porque ele comparece como “a forma mais direta e concreta de atingir a plenitude do sentido das coisas.” (FUKELMAN (1991, [s. p.])). Ao mesmo tempo, palavra e silêncio parecem se confundir. Tal como concebe o pensamento bakhtiniano, o silêncio é também uma forma de dizer, de expressar uma ideia, um pensamento, um sentimento, um ponto de vista. Não falar pode querer expressar muito do estado de espírito, da alma do sujeito falante, logo, o silêncio pode ser, em uma dada situação comunicativa, um momento igualmente significativo.

Orientando-me pela concepção de que a vida humana é por natureza dialógica, o percurso analítico aqui esboçado mostra que algumas das preocupações filosóficas presentes no pensamento bakhtiniano se fazem sentir na escrita literária de Clarice Lispector. Ainda que os dizeres desses autores se inscrevam em projetos de dizer distintos, as posições bakhtianas sobre o existir, o homem, a vida, a linguagem encontram eco no texto literário clariceano, indicando, portanto, um rico e intenso diálogo entre os dois autores.

#### **4 Conclusão**

Este trabalho configurou o desafio de tentar fazer uma leitura, fundamentada no conceito de diálogo que se encontra formulado na análise dialógica do discurso e centrado-se mais especificamente na categoria de relações dialógicas, de uma das obras mais importantes de uma das escritoras mais famosas e estudadas da literatura modernista brasileira.

Dentre os inúmeros aspectos da obra de Clarice Lispector, a abordagem filosófica é reconhecidamente tema corrente de debate e estudo entre pesquisadores e críticos da

literatura, o que pode, equivocadamente, fazer pensar que este trabalho se volta para uma questão já bastante explorada.

Se a abordagem filosófica que perpassa o romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, continua a ser, dependendo do olhar que o pesquisador inscrever, uma questão instigante, meu foco, neste trabalho, perseguiu o objetivo de procurar observar pontos de contato da abordagem filosófica da escritora com o pensamento filosófico bakhtiniano. O que me moveu foi, melhor dizendo, tentar pensar elementos que aproximam o pensamento filosófico de Bakhtin do dizer de Clarice Lispector em *A hora da estrela*.

Sem querer esgotar as possibilidades analíticas do objeto de estudo, o estudo apresentado aqui mostra que o pensamento filosófico bakhtiniano tem ressonâncias dialógicas no texto clariceano examinado. A partir do confronto do pensamento bakhtiniano com enunciados expressos pelo narrador de *A hora da estrela*, confirma-se que há, de fato, um encontro de ideias entre reflexões de Bakhtin e Clarice sobre questões como o excedente de visão, a ideia de diálogo e de sujeito responsável e responsivo, bem como de enunciado como unidade de interação comunicativa, entre outras, que englobam problematizações sobre o existir, a vida, o homem e a linguagem.

A convergência de sentidos entre o pensamento bakhtiniano e a escrita literária de Clarice Lispector põe em evidência, ao que me parece, a necessidade que o ser humano tem de estar sempre tentando compreender questões que cercam o seu ser. Isso comparece como um ato de responsabilidade do sujeito humano de propor sua compreensão responsiva ao debate em torno dessas questões que resistem à grande temporalidade. Essa convergência de sentidos mostra, por fim, que esse é um debate que atravessa áreas disciplinares e especialidades distintas, colocando em evidência, desse modo, que há uma inevitável relação entre campos como arte, ciência e vida, o que é bastante salutar e produtivo para a construção do humano do homem.

*Recebido em junho de 2015.*

*Aprovado em outubro de 2015.*

### **Philosophical reflections in Bakhtin and Clarisse Lispector: a possible dialog**

#### **Abstract**

This work aims at showing traces of a dialog among philosophical expressions in writings from Bakhtin's Circle Writers and writings by Clarisse Lispector. We were based on the theoretical methodology perspective of dialogical analysis of discourse. So we try observing some dialogical resounding from Bakhtin's philosophical thinking is in Clarisse's outputs in

her masterpiece, named *A hora da Estrela*. The analytical and reflective trajectory we had done along the work, show some philosophical thinking worries presented on Bakhtin's philosophy that is also present in Clarice's literary writings. It also shows that these reflections are thrown at different discourse projects of saying. In Bakhtin's the sayings about man existence, life, and language find echo at Clarice's writings, and it indicates a rich and intense dialog between the two scholars.

Keywords: Dialogical relationships. Philosophical dimension. Bakhtin. Clarice Lispector. *A hora da estrela*.

## Referências

ANDRADE, C. D. de. *Visão de Clarice Lispector*. [1977]. Disponível em:

<<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/visao-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução de Eni Pulccinelli Orlandi. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Equipe de tradução: Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo Cultrix, 1979.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Tradução do espanhol de Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do discurso*, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 268-280, 2º sem. 2011.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FUKELMAN, C. Escrever estrelas (ora, direis). In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Prefácio Clarisse Fukelman. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. [s. p.].

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe - UFSCar (Org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 19-39.

KADOTA, N. P. O contínuo pulsar de Clarice. *FACOM*, n. 18, p. 17-19, 2º sem. 2007.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Roco, 1998.

- LISPECTOR, C. *Entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner para o programa "Panorama"*, da TV Cultura, de São Paulo, 1 de fevereiro de 1977. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 16 jul. 2014.
- MELO, A. C. B. Quem tem medo de Clarice Lispector? *Amálgama: atualidade e cultura*, 08 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.amalgama.blog.br/02/2009/quem-tem-medo-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- MIGUEZ, C. A morte de Clarice Lispector. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1977. Folha Ilustrada, p. 29. Disponível em: <[http://media.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/11/21/ilustrada-10\\_12\\_1977.pdf](http://media.folha.uol.com.br/ilustrada/2008/11/21/ilustrada-10_12_1977.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2014.
- MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. Apresentação: alargando os limites da identidade. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.). *A escuta como lugar do diálogo: alargando os limites da identidade*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 11-14.
- PIRES, I. V. de A. Clarice Lispector e a contracena da história em “A hora da estrela”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, p. 9-24, jan./jun. 2011.
- PETRILLI, S. Uma leitura inclassificável de uma escritura inclassificável: a aproximação bakhtiniana da literatura. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. v. 1, p. 31-52.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2009.
- RODRIGUES, M. F. Uma encenação cômica da tragédia brasileira: notas sobre *A hora da estrela*. *Especial Clarice Lispector*. [20--], [s. p.]. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/>>. Acesso em: 16 jul. 2014.
- SANTOS, R. As palavras encantadas de Clarice continuam... *O fluminense*, Rio de Janeiro, 11 fev. 2014. Caderno Cultura e Lazer. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/editorias/cultura-e-lazer/palavras-encantadas-de-clarice-continuum>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- SOUSA, C. M. *Notas para a leitura de A Hora da Estrela, de Clarice Lispector*. [20--]. Disponível em: <[http://eplum.files.wordpress.com/2007/12/notas\\_para\\_a\\_leitura\\_de\\_a\\_hora\\_da\\_estrela.pdf](http://eplum.files.wordpress.com/2007/12/notas_para_a_leitura_de_a_hora_da_estrela.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2014.